

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES  
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Soraya Rosa Rodrigues

**TEMOS HISTÓRIA PRA CONTAR: alunos do 1º ano como sujeitos  
da História**

Belo Horizonte

2019

Soraya Rosa Rodrigues

**TEMOS HISTÓRIA PRA CONTAR: alunos do 1º ano como sujeitos da História**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Processos de Aprendizagem e Ensino na Educação Básica.

Orientadora: Profa. M<sup>a</sup>. Isabela Dominici

Belo Horizonte

2019

R696t  
TCC

Rodrigues, Soraya Rosa, 1978-  
Temos história pra contar [manuscrito] : alunos do 1º ano  
como sujeitos da história / Soraya Rosa Rodrigues. - Belo  
Horizonte, 2019.  
43 f. : enc, il.

Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal  
de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Isabela Costa Dominici.

Bibliografia: f. 41.

Apêndices: f. 42-43.

1. Educação. 2. Identidade social. 3. identidade.  
4. individualidade. 5. Personalidade. 6. Precedencia. 7. História.  
8. Biografia.

I. Título. II. Dominici, Isabela Costa, 1988-. III. Universidade  
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 372



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
Curso de Especialização em Formação de Educadores para  
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO SEXCENTÉSIMO QUADRAGÉSIMO SEGUNDO TRABALHO FINAL DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PROCESSOS DE APRENDIZAGEM E ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “TEMOS HISTÓRIA PRA CONTAR: alunos do 1º ano do Ensino Fundamental – sujeitos da História”, do(a) aluno(a) **Soraya Rosa Rodrigues**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Isabela Costa Dominici (orientador) e Fernanda Pedrosa Coutinho Marques. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 100, conceito \_\_\_\_\_. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Soraya R. Rodrigues  
Soraya Rosa Rodrigues

Registro na UFMG 2018749166

Isabela Costa Dominici  
Isabela Costa Dominici  
Professor(a) Orientador(a)

Fernanda Pedrosa Coutinho Marques  
Fernanda Pedrosa Coutinho Marques  
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha  
Ana Maria de Castro Rocha  
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização  
Em Formação de Educadores para Educação Básica

*Dedico este trabalho aos meus alunos do primeiro ano, pessoinhas muito especiais.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui.*

*Ao meu marido Denio e meus filhos Davi, Amanda e Artur, pela força e compreensão, sabemos que não foi fácil.*

*À minha orientadora Isabela Dominici por sua paciência, carinho e respeito.*

*À minha amiga Sandra, obrigada pela força e por todas as dicas.*

## RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo investigar se a pesquisa sobre a história pessoal e familiar de cada aluno e o contato direto com diferentes fontes históricas possibilita aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental reconhecerem-se como sujeitos históricos e culturais. Ao aprender conceitos da História para entender e construir a própria trajetória e recontar aos seus pares, os alunos desenvolveram competências e habilidades relacionadas à História, à escrita, à leitura, à Arte e aos conceitos matemáticos. A metodologia esteve atrelada ao Plano de Ação, por meio da pesquisa qualitativa, o que permitiu, através de rodas de conversa (gravadas e transcritas), verificar as aprendizagens e subsidiar as análises. O conhecimento construído com o grupo assume singularidades em cada indivíduo participante, de acordo com as vivências que cada integrante possui.

**Palavras-chave:** História. Memória. Identidade dos sujeitos.

## Lista de Figuras

Figura 1 - Visita à exposição dos dinossauros .....	17
Figura 2 - Fim da visita à exposição .....	17
Figura 3 - Saída para o Museu de Ciências Naturais da PUC .....	18
Figura 4 - Visita ao Museu: Foto 1 .....	19
Figura 5 - Visita ao Museu: Foto 2 .....	19
Figura 6 - Oficina e exibição das peças: Foto 1 .....	20
Figura 7 - Oficina e exibição das peças: Foto 2 .....	20
Figura 8 - Encerrando a visita ao Museu.....	24
Figura 9 – Grupo 1 (da esquerda para a direita): Giovanna, Ana Laura, Kauã, Emanuelle, Cecília, Izabela, Manuela .....	26
Figura 10 – Grupo 2 (da esquerda para a direita): Isabelle, Davi, Amanda, Caio, Gabriel Castro, Miguel, Carlos, Luan .....	26
Figura 11 – Grupo 3 (da esquerda para a direita): Arielle, Maria (Duda), Ana Luiza, Ana Clara, Ian, Bernardo, Enzo, Gabriel Rocha.....	27



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>13</b>
2.1 Objetivos específicos .....	13
<b>3. JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>14</b>
<b>4. METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
4.1 Atividades, exposição e percurso do Plano de Ação .....	16
4.2 Projeto: “Memórias que contam história” .....	25
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>
<b>APÊNDICE: LITERATURAS TRABALHADAS .....</b>	<b>42</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Meu nome é Soraya Rosa Rodrigues, sou professora da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte desde 2012 e, atualmente, trabalho como regente de turma do 1º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Hélio Pellegrino<sup>1</sup>.

Optei para trabalhar o tema “sujeito cultural e histórico” por ser uma proposta do trabalho docente que abre um leque de possibilidades com alunos que estão ainda no início de sua trajetória escolar.

Desde sua origem, a escola é conhecida por propostas pedagógicas que envolvem a comunidade, tendo como eixos norteadores do trabalho: a formação de leitores e a produção escrita autônoma; a formação humana (proporcionando o diálogo sobre os valores); a participação efetiva na construção histórica e cultural, que respeita a diversidade (com ações e propostas anteriores à lei de 2008<sup>2</sup>); a sistematização e a reflexão sobre o currículo.

Nesse contexto, levar o aluno a investigar e conhecer a própria história é uma oportunidade para que ele se reconheça no tempo e no espaço como sujeito que produz e reproduz cultura e história.

Temos três turmas de primeiro ano na Escola Municipal Hélio Pellegrino. A sala 12 é a turma na qual estou trabalhando como regente e que, inicialmente, era composta por 25 alunos<sup>3</sup>, sendo 14 meninas e 11 meninos, sendo um deles autista.

Os alunos tinham, no início do ano, idade entre 5 e 6 anos e a grande maioria veio de EMEI's (Escolas Municipais de Educação Infantil). O grupo se dividia quanto ao nível de escrita da seguinte forma: 7 alunos no nível de escrita alfabético, 4 alunos silábicos e 14 alunos pré-silábicos. Para atender diferentes níveis de escrita e promover o progresso da turma, foi preciso envolver os alunos em assuntos que

---

<sup>1</sup> A direção da escola está ciente da realização deste trabalho e autorizou a informação do nome real.

<sup>2</sup> Lei 11645/2008 que inclui a temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena” no currículo oficial, sendo obrigatória em todos os níveis de ensino, ampliando a discussão sobre a figura do negro e do índio e da diversidade étnico-cultural.

<sup>3</sup> Em meados de junho tivemos a saída de uma aluna que se mudou com a família para o Nordeste e recebemos em junho um novo aluno que passou a integrar a turma, permanecendo o total de 25 alunos.

interessassem ao grupo, como forma de despertá-los e envolvê-los no próprio desenvolvimento.

A ideia de construir com os alunos o registro da própria história exigia alguns conhecimentos que auxiliassem o trabalho, elementos que orientariam essa construção como o reconhecimento de fontes históricas e a noção de memória, que serão eixos fundamentais norteadores do trabalho.

### *A contextualização da escola*

A Escola Municipal Hélio Pellegrino foi inaugurada no ano de 1995 e, no mês de março do mesmo ano, começou a receber seus alunos, professores e funcionários. Sua fundação foi resultado da ação da comunidade local em conjunto com o Estado de Minas Gerais e a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, consolidando, assim, “um sonho e um direito” pleiteado por muitos anos.

Por volta de 1983, com mais de 30 anos de existência e cerca de 20.000 habitantes, o bairro ainda não possuía nenhuma escola pública para atendimento às crianças e adolescentes. Então, a Presidente da Associação Comunitária do Bairro Guarani, Maria Teresa Souza Costa, inicia a mobilização junto com os moradores pela construção da escola.

O terreno encontrado para construção atendia às exigências de extensão e localização, porém, era propriedade particular e já possuía parte de sua área ocupada, o que dificultou a compra pela Prefeitura em função da indenização cabível ao proprietário.

Surgiram, ao longo do processo de compra do terreno e de construção da escola, alguns impasses, como a falta de repasse da verba pelo Governo Federal à Prefeitura na gestão do Prefeito Sérgio Ferrara, as várias invasões para a ocupação indevida do terreno, vizinhos do terreno que se diziam proprietários de parte do mesmo e, nesse cenário, com tantas questões para serem discutidas e resolvidas legalmente, a comunidade realizou muitas mobilizações e manifestações que contaram também com a divulgação dos meios de comunicação.

No início dos anos 90, já na gestão do Prefeito Patrus Ananias, a senhora Maria Tereza e o vereador João Gualberto retomaram o processo para a aquisição da

documentação do terreno de posse de área pela Prefeitura, além da verba necessária à construção da escola. E, apesar de antigos proprietários tentarem embargar a obra, o departamento jurídico do DEOP (Departamento de Obras Públicas do Estado), liberou a sua continuidade após a análise dos documentos.

Então, a escola inicia suas atividades em 1995, nos moldes da Escola Plural<sup>4</sup>, baseada na Pedagogia de Projetos, na democracia escolar e na lógica de organização do tempo escolar através dos Ciclos de Formação, atendendo, inicialmente, os alunos dos três ciclos do Ensino Fundamental. Em 2002, a escola passa a atender também os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno da noite e, em 2005, começa o funcionamento da Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), hoje EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), que inicialmente funcionava como anexo na Rua Três, 25, no bairro Aarão Reis.

Outra conquista importante ocorreu em 2004, mais uma vez através de mobilização da comunidade, quando foi aprovada a verba pelo Orçamento Participativo 2005/2006 para a construção do auditório com capacidade para 250 pessoas, o que favoreceu muitas propostas pedagógicas, além de atividades culturais e sociais envolvendo a comunidade escolar.

A escola sempre teve uma grande procura por vagas em todos os segmentos. É conhecida e reconhecida pelo excelente trabalho que vem realizando ao longo de seus 24 anos de existência. Esse reconhecimento se dá pela comunidade escolar, pela comunidade do entorno e pelos órgãos que gerenciam, acompanham e trabalham para o seu desenvolvimento.

Atualmente, estão matriculados na escola cerca de 900 alunos, sendo 370 destes no turno da tarde. O quadro de funcionários conta hoje com uma diretora, uma vice-diretora, uma coordenadora geral, uma coordenadora integrada, três professores coordenadores, uma secretária, cinquenta e sete professores, seis assistentes administrativos e uma professora que trabalha na secretaria e/ou biblioteca, além dos funcionários ligados à Caixa Escolar<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> A Escola Plural foi uma proposta implantada na rede municipal de ensino de Belo Horizonte nos anos de 1993-1996, visando uma escola mais democrática, ampla e aberta às diferentes culturas e comunidades (MIRANDA, 2007).

<sup>5</sup> De acordo com a Prefeitura de Belo Horizonte, o Caixa Escolar é uma entidade de direito privado que recebe recursos que são destinados especificamente para projetos de ação pedagógica.

## **2. OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral do trabalho é investigar se a pesquisa sobre a história pessoal e familiar de cada aluno e o contato direto com diferentes fontes históricas possibilita aos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental reconhecerem-se como sujeitos históricos e culturais.

### **2.1 Objetivos específicos**

Proporcionar aos alunos visitar exposições dentro e fora da escola para ter contato com fontes históricas e compreender a sua função.

Montar com os alunos exposições de objetos construídos por eles que possam contar aos demais alunos da escola o que eles aprenderam sobre “os dinossauros” na literatura com o livro: “GIGANTOSSAURO”, de Jonny Duddle e também na visita ao Museu de Ciências Naturais da PUC.

Trabalhar o conceito de memória, utilizando objetos de valor afetivo trazidos pelos próprios alunos que contam a sua história e a de sua família.

### 3. JUSTIFICATIVA

Após quase quinze anos atuando na formação de diferentes faixas etárias, fui contemplada pela primeira vez com alunos do primeiro ano da Educação Básica. Não posso negar que esse desafio me trouxe muitas reflexões sobre minha prática docente. Como atuar no ensino de crianças que ainda estão construindo autonomia? Como direcionar o aprendizado de alunos que estão se adaptando ao ambiente escolar e que estão muito dependentes de orientação individualizada na maior parte do tempo?

Além desses questionamentos, haviam outros aspectos relacionados ao aprendizado da leitura e da escrita que considero fundamentais como base do ensino que provocaram uma releitura e reavaliação da minha forma de trabalhar.

Sinto que eu também estou me adaptando, reaprendendo com as literaturas, com os próprios alunos, aprendendo a ouvir cada um deles, buscando pistas da melhor forma de alcançá-los, retomando a minha formação, aprendendo com meus pares, pedindo socorro quando tenho dúvidas ou anseios em relação ao andamento do processo de ensino e aprendizagem.

A pesquisa, então, surge desta necessidade de despertar nos sujeitos (aprendizes no primeiro ano do Ensino Fundamental) a percepção do próprio protagonismo na sua trajetória de aprendizado, de participação e aquisição na construção da história e da cultura, propondo uma aproximação do sujeito com a sua própria história, a história de sua família, a história que se constrói diariamente dentro de diferentes contextos à sua volta e a história que existiu antes de nós.

Diante de um público-alvo de pouca idade, torna-se essencial promover experiências de aprendizado voltadas ao lúdico, à experimentação, ao toque, ao “fazer e ver” para compreender sentidos e valores para depois, então, promover alguns registros que sejam significativos para os alunos.

O artigo “Sujeito Histórico”, de Amélia Hamze (2010), aponta a importância da educação como apropriação cultural que, através da história, constrói o sujeito e o transforma em humano e histórico, autor reflexivo da realidade, do mundo e dele mesmo. Segundo a autora, é no contexto das relações sociais que ocorre a

constituição do sujeito que articula sua própria história com a história global e busca sua liberdade na construção da cidadania.

Segundo Barros (2013), em seu artigo “Ensino de História, Memória e História local”, o ensino de História, que contempla a valorização da memória e compreende a história local através do cotidiano dos alunos, oportuniza a investigação e a reflexão sobre os valores e práticas do dia a dia. Sendo assim, o conhecimento histórico e cultural é produzido partindo de um panorama local que se amplia para compreensão do regional, nacional e global.

A aprendizagem da história possibilita a construção e a mudança na forma de compreender o próprio eu, entender os outros, as relações sociais e a própria história, contextualizada e significativa, identificando conexões entre as formas políticas, lutas, mudanças e tradições que resistiram ao longo do tempo. Ao construir sua identidade pessoal e social, relacionando-a à memória, é possível perceber os vínculos entre as gerações, seja no plano individual ou coletivo e, assim, preservar o passado pode orientar as ações de enfrentamento do presente e do futuro.

## **4. METODOLOGIA**

Para associar a metodologia ao Plano de Ação, a melhor estratégia que encontrei para responder aos objetivos propostos é a pesquisa qualitativa, uma vez que é preciso considerar a idade do público-alvo que integra a pesquisa e as abordagens possíveis de serem realizadas com este grupo. Sendo assim, este tipo de pesquisa permite, através de rodas de conversa dirigidas, questionar e compreender o que de fato foi apreendido pelos alunos e, dessa forma, verificar se os objetivos foram alcançados ou não.

Após a realização das atividades e apresentações relacionadas aos projetos, a grande maioria feita na escola e algumas em casa com a ajuda dos familiares, os alunos foram ouvidos em rodas de conversa que foram gravadas e transcritas.

Esse material subsidiou a análise para a apuração do que foi significativo para cada um dos integrantes e, após verificar se de fato as hipóteses foram ou não comprovadas e se os objetivos foram ou não alcançados ao longo do tempo para a aplicação do Plano de Ação.

### **4.1 Atividades, exposição e percurso do Plano de Ação**

A ação proposta consistiu em construir, juntamente com os alunos, alguns conceitos importantes como, por exemplo, a história que aconteceu antes de nós, o que são memórias e como elas ajudam a contar a história e a entender que cada um de nós tem a sua própria história e que também fazemos parte de outras histórias.

O público-alvo da intervenção foram os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Hélio Pellegrino, com apresentação posterior para os demais alunos e comunidade escolar.

O primeiro projeto realizado foi o “Mundo dos Dinossauros”: as atividades tiveram início em março de 2019. Todos os alunos das turmas de primeiro ano participaram de uma exposição com cenário, brinquedos e literaturas sobre dinossauros na sala de vídeo da escola. Após visitarem a exposição, os alunos assistiram a um pequeno vídeo sobre a vida dos dinossauros.



**Figura 1 - Visita à exposição dos dinossauros**



Fonte: Fotografia da autora. (2019)

O cenário da exposição foi montado em parceria com profissionais de Apoio à Inclusão<sup>6</sup>, pela funcionária de suporte à Informática, pela professora de Arte (Ana Montijo) e coordenado pela professora Gislene, que atua como coordenadora no turno da manhã e regente do primeiro ano à tarde. Os objetos foram fornecidos por alunos, professores e pela direção da escola.

**Figura 2 - Fim da visita à exposição**



Fonte: Fotografia da autora. (2019)

A exposição atendeu, primeiramente, aos alunos das salas 02, 06 e 12, que são turmas de primeiro ano; depois esteve aberta e disponível para as demais turmas do turno que tiveram interesse em visitar.

---

<sup>6</sup> O termo Apoio à Inclusão se refere ao acompanhante que apoiará o trabalho das escolas no atendimento aos alunos com deficiência. Ele é responsável pela locomoção do estudante e também pelos cuidados relacionados à alimentação e higiene dos mesmos.

Após a exposição, cada turma participou de uma roda de conversa para contar o que sabiam sobre os dinossauros.

Em outro momento, os alunos da sala 12 ouviram a leitura do livro literário “Gigantossauro” adotado pelas turmas do primeiro ano.

No decorrer do mês de março, as turmas do 1º ano fizeram algumas atividades sequenciadas com o tema “Mundo dos Dinossauros”, envolvendo: escrita, desenho, coordenação e habilidades motoras, localização, contagem, produção de texto coletivo, colagem, desenho, pintura e modelagem.

No dia 27 de março a sala 12 ganhou um painel com os nomes de algumas espécies de dinossauro mais conhecidas. As informações do painel, construído pela professora regente, serviram de base para posterior pesquisa<sup>7</sup> escrita que os alunos realizaram com as famílias.

A escola organizou a confecção em feltro de cabeças de dinossauros feitas pela professora Marisa Drumond, que foram utilizadas pelos alunos durante a excursão. As salas 02 e 06 fizeram a visita ao Museu de Ciências Naturais da PUC (Pontifícia Universidade Católica) no dia 09 de abril de 2019.

### **Figura 3 - Saída para o Museu de Ciências Naturais da PUC**



**Fonte: Fotografia da autora. (2019)**

---

<sup>7</sup> A proposta da pesquisa foi apresentar, até o dia 10 de abril, o registro em folha A4, em formato oferecido pela professora, algumas informações sobre o dinossauro que mais gostaram: nome, peso, altura, alimentação, desenho ou outra representação da espécie.

No dia 11 de abril de 2019, foi a vez da sala 12 realizar a visita ao Museu de Ciências Naturais da PUC Minas. Todos os alunos foram autorizados pelas famílias e participaram da excursão.

Os alunos foram divididos em dois grupos, um acompanhado pela professora Marisa e outro por mim. Os dois grupos tiveram a chance de visitar os três andares do Museu e conhecer a vida de espécies do Cerrado e os hábitos dessas espécies nos diferentes momentos do dia.

Os alunos também viram os esqueletos de grandes espécies como a baleia, o elefante e a girafa, além de várias coleções de insetos e muitos animais empalhados.

**Figura 4 - Visita ao Museu: Foto 1**



**Fonte: Fotografia da autora. (2019)**

No primeiro andar do Museu, os alunos os alunos anteciparam muitas falas da monitora, mostraram empolgação, contaram o que já haviam aprendido na escola e se surpreenderam com o tamanho das espécies. Tiveram também a oportunidade de tocar algumas peças e expressar o que sentiam: gatura, emoção, medo ou empolgação.

**Figura 5 - Visita ao Museu: Foto 2**



**Fonte: Fotografia da autora. (2019)**

Os alunos do primeiro ano também pintaram peças em gesso com formas de algumas das espécies do Museu. Essas peças foram levadas pelos alunos e guardadas na escola para a exposição da Mostra Cultural que aconteceu no mês de outubro do presente ano.

**Figura 6 - Oficina e exibição das peças: Foto 1**



Fonte: Fotografia da autora. (2019)

**Figura 7 - Oficina e exibição das peças: Foto 2**



Fonte: Fotografia da autora. (2019)

Ao fim da visita, o Museu da PUC nos presenteou com cinco exemplares do livro “A história de Aur e Nia”, de Cartelle e Lor, dos quais três foram utilizados primeiramente pelas turmas do primeiro ano e, depois, todos os exemplares irão compor o acervo da biblioteca da escola.

A obra conta de modo bem claro e didático a experiência de duas crianças e um ancião, Aur e Nia, que vão acompanhar a caça do avô. Durante a experiência, ocorre um acidente e, após alguns dias, o avô das crianças acaba morrendo. O texto do livro apresenta práticas de uma cultura primitiva relacionadas à alimentação, ao ensino da história pelos mais velhos, aos registros nas grutas e cavernas, às mudanças no ambiente que foram causados pelos fatores naturais e pelas intervenções humanas, aos recursos usados para curar, o enterro e as crenças. As imagens do livro são autoexplicativas e mostram a formação dos fósseis, o trabalho dos paleontólogos para contar a história através de estudos, ossos e objetos encontrados e como todas estas coisas compõe a exposição de um museu.

Depois, o livro conta a trajetória de mudanças da vida humana chegando aos nossos dias com uma visita de crianças (alunos) com seu professor ao Museu de Ciências Naturais da PUC, uma experiência de descobertas bem parecida com a que os alunos tiveram e termina com crianças dos dias atuais compartilhando a experiência que do museu com sua família e, por fim, sugere três atividades para serem feitas com os alunos.

Combinei com Vitor (Auxiliar de Apoio à Inclusão que acompanha meu aluno especial na rotina escolar) para que filmasse a leitura do livro e a conversa feita com os alunos. Como a história é grande e registra momentos distintos de aprendizagem e descoberta, partindo de um passado bem distante e fazendo a trajetória até os dias atuais, optei por dividir a leitura em dois momentos, em dias diferentes, porém consecutivos, para que os alunos estivessem atentos a toda a história.

No segundo momento de leitura, realizei uma pausa para conversar com os alunos e saber a percepção que tiveram do momento da visita ao Museu tratado no texto e da própria experiência que tiveram. Vitor gentilmente colaborou com este trabalho filmando nossa conversa<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Optou-se, neste trabalho, por usar os nomes verdadeiros das crianças.

Durante a pausa de leitura, perguntei aos alunos se eles gostaram de ir ao Museu e todos responderam que sim. Depois, perguntei:

Professora Soraya: *“O que a gente aprendeu no museu?”*

Júlia Rafaelly: *“Eu gostei”*.

Bernardo: *“Foi chato”*.

Professora Soraya: *“Quem não gostou também pode falar porque não gostou”*.

É importante ressaltar que, na escola, os alunos lancham cedo e, no dia da visita ao Museu, eles fizeram o lanche mais tarde. Bernardo mostrou-se impaciente porque queria comer.

Professora Soraya: *“Quem gostou?”*

A turma responde em coro: *“Eu”!*

Ana Laura: *“A gente aprendeu mais sobre os dinossauros”*.

Aninha: *“Por causa que eu gostei muito do museu”!*

Professora Soraya: *“Do que você mais gostou?”*

Aninha: *“Da Preguiça Gigante”!*

Isabelle: *“A gente pode aprender no museu”*.

Professora Soraya: *“O que a gente pode aprender no museu?”*

Isabelle: *“Várias coisas sobre que já aconteceu”*.

Professora Soraya: *“Como é que se chamam essas coisas que já aconteceram?”*

Manuela: *“Antigo”*.

José: *“Passado”*.

Professora Soraya: *“Sim, é estudando o passado que a gente aprende sobre as coisas mais antigas”*.

Ian: *“Eu achei legal a forma como ele procurou os osso”*. (SIC)

Professora Soraya: *“Como se chama a pessoa que trabalha para encontrar os ossos”?*

José: *“Minerador”*.

Professora Soraya: *“O minerador pode até encontrar ossos, mas esse não é o trabalho dele. Vocês se lembram que a “moça do museu” (monitora) falou sobre o trabalho do paleontólogo”?*

Davi: *“Eu gostei do Sthegossauro”*.

Amanda: *“Eu gostei das pinturas que a gente fez”*. (Referindo-se à oficina ao final da visita).

Emanuelle: *“Eu gostei dos dinossauros”*.

Ana Luiza: *“Eu gostei quando montou o dinossauro”*. (Referindo-se a um trecho do livro “A história de Aur e Nia”).

Professora Soraya: *“Você viu esse mesmo dinossauro montado no museu”?*

Ana Luiza: Responde com a cabeça que sim.

Gabriel Castro: *“Eu gostei do tio REX”*. (SIC) (Gabriel gosta muito do tema dinossauros e mostra familiaridade com os nomes de algumas espécies).

Giovana: *“Eu gostei quando tava construindo um monte de casa, uma igreja”*.

Professora Soraya: *“Então você gostou da maquete de Lagoa Santa”?*

Giovana: *“Sim”*.

José: *“Gostei da cabeça do tio Rex”*. (SIC)

Ariele: *“Gostei dos dinossauros”*.

Cecília: *“Gostei da Luzia”*.

Professora Soraya: *“Por que você gostou da Luzia”?*

Cecília: *“Porque ela é antiga”*.

Izabela: *“Eu gostei do Ptherodáctilo.”*

Júlia Rafaelly: “*Gostei dos dinossauros*”.

Enzo: “*O osso da preguiça*”.

Gabriel Rocha: “*Das esculturas*”. (Referindo-se a oficina)

No áudio não consegui ouvir com clareza a fala de Caio e Kauã, pois haviam conversas na turma que dificultaram a compreensão da fala de ambos. Na sala, ouvi o que disseram e a fala relacionava-se a algum dinossauro de que gostavam, mas na transcrição não me lembrei exatamente do que disseram. Depois de nossa roda de conversa, retomei a leitura para concluir a história e encerrar este momento.

A obra produzida pela PUC Minas apresenta um panorama histórico muito claro e explicativo que se encaixa perfeitamente em nossa proposta de trabalho com os alunos; acredito que cada um deles conseguiu se reconhecer no texto e na experiência retratada na obra.

Após ouvir cada aluno, fica evidente que para cada um deles houve um momento mais significativo durante a visita. A proposta no Museu era aproximar os alunos da realidade, ampliando o conhecimento do tema “dinossauros”, criando um paralelo com a exposição da escola, que contemplou o lúdico através dos brinquedos e, a partir dessa experiência, reconhecer elementos, fatos e fontes históricas. Esse projeto pretendeu despertar nos alunos a imaginação, a curiosidade, a ideia de tempo e época, o conceito de extinção, além de desenvolver diferentes habilidades de expressão oral, escrita, artística e raciocínio lógico.

**Figura 8 - Encerrando a visita ao Museu**



Fonte: Fotografia da autora. (2019)



## 4.2 Projeto: “Memórias que contam história”

A professora Sandra, que leciona as disciplinas de Geografia e História, trabalhou no início do ano letivo os temas identidade e história da família. Na ocasião, os alunos assistiram a um curta disponível no YouTube chamado “Dona Cristina perdeu a memória”. Esse vídeo mostra diálogos em diferentes dias entre dona Cristina e um menino. Todas as vezes que conversavam, dona Cristina, uma senhora que havia perdido a memória, perguntava o nome do menino e, dependendo de como ele respondia (porque algumas vezes ele mudava a resposta e dizia ter outro nome) ela contava a ele algumas histórias de sua família. Alguns trechos desse curta foram lembrados quando iniciamos a conversa sobre o conceito de memória.

O “Projeto Memórias” foi uma proposta para explorar não somente o conceito de memória que já havia sido introduzido pela professora de História da turma, mas também conhecer as concepções ou ideias que os alunos já tinham sobre o tema e seu significado e, assim, relacionar a memória e as formas como podemos preservá-la com a história. O trabalho precisava assumir, inicialmente, um caráter mais lúdico e, por isso, recorremos à literatura. Posteriormente fizemos uma pesquisa da história de cada aluno. Depois, a roda de conversa que foi essencial para analisar o que os alunos conseguiram apreender.

Em junho de 2019, iniciamos o trabalho interdisciplinar que teve como tema principal “Memórias que contam História”. Usamos como literatura de apoio o livro “Guilherme Augusto de Araújo Fernandes”, escrito por Mem Fox. No projeto, abordamos alguns conceitos de memória relacionados à vivência de idosos, de adultos e de uma criança muito esperta e curiosa que desejava ajudar sua amiga idosa que perdeu a memória. O trabalho com o livro possibilitou a discussão sobre o respeito aos idosos e a história de cada um contada a partir de memórias que podem ser resgatadas.

Ao concluir as atividades relacionadas ao livro, em julho de 2019, os alunos foram orientados a contar a própria história através da “Caixinha de Memórias”. Essa atividade foi feita com a ajuda da família para posterior apresentação em sala de aula. Cada aluno decorou um caixinha de sapato e colocou dentro dela três objetos pessoais (fotos, xerox de documentos, objetos de valor afetivo como a pulseirinha do hospital, entre outros) escolhidos junto com sua família.

A caixinha foi identificada com o nome do aluno(a) e, na escola, fizemos uma roda de apresentação e conversa, onde eles apresentaram a sua história para a turma através dos objetos e da explicação do que cada um deles representava.

Foi necessário dividir as apresentações em dois momentos para que não ficar cansativo e para que todos tivessem a atenção e o respeito dos colegas durante sua fala.

Nesse período, tivemos a transferência de uma aluna e recebemos um aluno novato, que não participou do primeiro projeto. A ideia era que os próprios colegas relatassem a Miguel, o aluno novato, as experiências que tiveram até então.

**Figura 9 – Grupo 1 (da esquerda para a direita): Giovanna, Ana Laura, Kauã, Emanuelle, Cecília, Izabela, Manuela**



Fonte: Fotografia da autora. (2019)

**Figura 10 – Grupo 2 (da esquerda para a direita): Isabelle, Davi, Amanda, Caio, Gabriel Castro, Miguel, Carlos, Luan**



Fonte: Fotografia da autora. (2019)

**Figura 11 – Grupo 3 (da esquerda para a direita): Arielle, Maria (Duda), Ana Luiza, Ana Clara, Ian, Bernardo, Enzo, Gabriel Rocha**



**Fonte: Fotografia da autora. (2019)**

Em agosto, logo que retornamos das férias, entreguei aos alunos um roteiro de pesquisa baseado na proposta do livro didático de História do 1º ano da coleção “Vamos Aprender História”, volume 1.

O roteiro conduziu cada aluno na pesquisa sobre sua história e a história de sua família, considerando os seguintes aspectos: noções da história oral, função de documentos, noções de memória e identidade, reconhecimento de diferentes fontes históricas, valorização e preservação de documentos e objetos, identificação de práticas culturais próprias de sua família.

Após a entrega desse trabalho interdisciplinar, os alunos contaram a história de sua família através de desenhos, registros e fontes históricas, que eles levaram para a escola para serem apresentados aos colegas.

No mês de setembro de 2019, selecionamos parte do material produzido ao longo do ano como fotos, registros e objetos enviados pelas famílias para montar a exposição da Mostra Cultural da Escola, que aconteceu no mês de outubro com o título: “Nossas Descobertas”.

Construímos o “Túnel do Tempo”, que foi a culminância dos projetos que desenvolvemos com as turmas, com o apoio da direção, professores, colaboradores do Apoio à Inclusão e alunos do 1º turno. Utilizamos produções das aulas de arte,

fotos e objetos confeccionados pelos alunos ao longo do ano, além de alguns objetos trazidos por eles para contar a própria história (deles e da família). A Mostra contou ainda com a participação de alunos, funcionários da escola, corpo docente, comunidade e convidados especiais das áreas de Direito, Assistência Social e outros.

Os alunos reconheceram nas fontes históricas a importância dos registros escritos e orais, fotos, objetos e outros elementos que nos ajudam a contar quem somos, de onde viemos e como vivemos.

O túnel “Nossas Descobertas” apresentou a seguinte sequência de tópicos:

**Tem história antes de nós:** a vida dos dinossauros representada pelos alunos através de miniaturas de espécies confeccionadas em papel e tinta, pinturas rupestres em papel craft e giz.

**O que guardo na memória:** exposição das caixinhas de memória com fotos, objetos pessoais como bico, mamadeira, a primeira roupa e o primeiro sapatinho, mechas de cabelo, umbigos e outros de valor histórico e afetivo.

**Fazemos parte dessa história:** exposição de fotos que registram a trajetória dos alunos na escola, festividades, excursões, projetos da turma, projetos da escola, atividades na biblioteca e na quadra, além dos desenhos dos próprios alunos registrando o momento que elegeram como o mais significativo do ano de 2019.

**Unidos pela história e pela cultura:** móveis representando as diferentes identidades e características de cada aluno, sua cor, sua cultura, suas crenças, sua forma de vestir, de ser e de viver.

**Diversidade:** o tema permeou nossas aulas e vivências dentro e fora da escola, a exposição das literaturas trabalhadas durante o ano com diversos temas como diferenças raciais, diferenças sociais, inclusão, respeito e valorização foi bastante representativa.

Os trabalhos desenvolvidos ao longo do ano foram apresentados na Mostra Cultural “Ação Pellegrina” 2019, nos dias 04 e 05 de outubro com participação de alunos, funcionários, comunidade e convidados.

A Mostra foi a culminância de todos os projetos da escola e o encerramento da intervenção proposta neste Plano de Ação. Após a análise de todas as atividades e apresentações foi possível concluir que o projeto realizado com os alunos proporcionou aos mesmos identificarem-se como sujeitos que fazem parte da História: a própria história, a história de sua família, a história da escola, alcançando as expectativas propostas inicialmente.

Parte do material da exposição, inclusive as fotos tiradas no durante a Mostra, serão utilizados na comemoração dos 25 anos da escola em 2020.

## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A cultura é entendida neste trabalho como diferentes formas de viver, construir, acreditar, pensar, educar, compreender, aceitar ou não elementos já existentes, modificando, preservando ou criando novas formas num movimento constante que constitui a história de cada época, criando identidades pessoais ou de grupos, identidade de povos, identidade de tempos. O ressignificar é singular, mas também é grupo, é sociedade, é povo, é tempo e época, onde as regras, conceitos e significados podem ser adotados, adaptados, modificados ou completamente extintos. Conforme cita Carvalho (2002),

por outro lado, a cultura não significa um sistema estático, mas, ao contrário, ele é dinâmico, devido a seus membros estarem num constante movimento de recriação e reinterpretação de informações, conceitos, significados, regras, expectativas. Esse movimento gera transformações que constituem a história dos grupos culturais. Desse modo, o indivíduo ao nascer vai compor um determinado grupo cultural, num determinado período de sua história, sendo inserido nessa cultura específica, mas, a partir de seu nascimento, vai também construir uma história singular de experiências no seu contexto, contribuindo para transformações culturais no mesmo, numa perspectiva de reciprocidade". (CARVALHO et al, 2002, p.39)

De acordo com este autor, os seres humanos vivem uma permanente produção histórica e cultural, onde muitos elementos são assimilados, outros são modificados ou até mesmo rejeitados. Sujeitos a períodos ou épocas distintas, sujeitos ao tempo, envolvidos pelo contexto de localização, de culturas e de origens distintas, cada ser humano irá compor um grupo familiar, alguns grupos sociais e, ao mesmo tempo, irá escrever uma história singular, exclusivamente sua, carregando por escolha, assimilação ou contexto elementos ligados constituídos ao longo da história.

Os alunos conseguiram compreender o conceito de memória a partir da própria história, contada por seus familiares, através de relatos e de objetos significativos pela sua simbologia afetiva. Os alunos tiveram algumas noções do conceito de memória propostas por Marcelo Augusto, personagem da obra literária adotada, além das considerações apresentadas pelo vídeo: "Dona Cristina perdeu a memória", que foi trabalhado pela professora que leciona Geografia e História.

Ao aprender sobre a extinção dos dinossauros e conhecer a sua existência a partir de fósseis e estudos apresentados na escola e no Museu de Ciências Naturais da

PUC Minas, os alunos compreenderam que a história pode ser contada de várias formas, partindo de diferentes elementos e situações.

O reconhecimento de elementos da própria história forneceu aos alunos possibilidades de compreenderem a história e a cultura de um modo geral. As crianças já são capazes de se perceberem como sujeitos históricos, que assimilam ou rejeitam elementos da cultura existente e, assim, constroem de modo passivo ou ativo a sua própria história de vida inserida em diferentes contextos. Segundo Carvalho (2002),

a vinculação entre assimilação e acomodação significa que o ambiente não provoca simplesmente o registro de impressões ou a formação de cópias, mas desencadeia ajustamentos progressivos, transformações no organismo e, conseqüentemente, no comportamento do sujeito, o que pode ser traduzido como desenvolvimento”. (CARVALHO et al, 2002, p.42)

No início do mês de agosto já havíamos encerrado o projeto sobre os dinossauros e estávamos realizando o “Projeto Memórias”. Para contextualizar Miguel, que era recém-chegado na escola, realizamos uma roda de conversa para que os alunos contassem ao novo aluno nossas experiências até o momento. A roda não possibilitou grandes ganhos a Miguel, uma vez que ele não participou de todas as etapas dos projetos, mas por outro lado, foi muito significativa para analisar o aprendizado da turma, conforme pode ser percebido no relato a seguir.

Professora Soraya: *“A gente então contou para o Miguel que a escola teve uma exposição de brinquedos sobre os dinossauros, depois nós vimos um vídeo onde eles brigavam para se alimentar e aí a gente sabe que os dinossauros não existem mais. Por que que a gente sabe que eles não existem mais? O quê que aconteceu?”*

Cecília: *“Caiu um meteoro na Terra”.*

Professora Soraya: *“E aí o que aconteceu com os dinossauros?”*

Cecília: *“Morreram”.*

Manuella: *“Não tinha como eles fugir porque eles eram gigantes, caiu o meteoro no planeta e quando caiu eles morreram”.*

Professora Soraya: *“E hoje a gente sabe que eles não existem mais, mas como é que a gente sabe que eles existiram, se eles existiram muito antes da gente?”*

Davi: *“Eu sei! Porque a gente vê os fósseis”*.

Professora Soraya: *“A gente vê os fósseis... então, os fósseis são provas históricas de que os dinossauros existiram. Quer falar Isabelle?”*

Isabelle: *“Também por causa das lendas”*.

Professora Soraya: *“Por causa das lendas, das histórias que foram contadas... Olha só, então no museu existem peças que contam pra nós uma história que existiu muito antes de nós. E a nossa própria história como é que a gente conta? Através de quê?”*

Isabelle: *“Através da nossa vivência”*.

Professora Soraya: *“Sim, mas, por exemplo, o que você viveu quando você era bebê ou quando você era menor, como é que você consegue contar para o outro?”*

Isabelle: *“Pelas fotos”*.

Professora Soraya: *“Sim, pelas fotos, o que mais?”*

Gabriel Castro: *“Pelos objetos”*.

Professora Soraya: *“Pelos nossos objetos”*...

Manuella: *“Pelos ossos”*.

Professora Soraya: *“Os ossos da gente”?!*

Manuella: (sacode a cabeça dizendo que não). (Risadas na sala...)

Professora Soraya: *“A nossa história agora não é mais a história dos dinossauros, a nossa história. O que nós aprendemos com a história do Guilherme Augusto? Como é que a gente faz para lembrar de coisas da nossa história?”*

Manuella: *“Vendo coisas antigas”*.

Professora Soraya: *“E essas coisas antigas fazem o quê com a gente?”*

Manuella: *“Faz a gente lembrar do ano passado”*.

Professora Soraya: *“E como é que chama as coisas passadas que a gente lembra?”*

Maria Eduarda, Bernardo e outros colegas: *“Memórias”*.

Professora Soraya: *“São as nossas memórias... e as nossas memórias elas ficam guardadas numa caixinha?”*



Turma: “*Não*”...

Professora Soraya: “*Não, elas ficam guardadas na nossa*”...

Turma: “*Cabeça*”!!!

Professora Soraya: “*Mas alguns objetos ajudam a nossa cabeça a buscar as recordações*”?

Cecília: “*O cérebro*”!!! (SIC)

Professora Soraya: “*Sim... e esses objetos, as fotos, os documentos, eles são chamados de fontes históricas, por quê? Porque através deles a gente consegue contar a*”...

Turma: “*História*”!

Professora Soraya: “*A história da nossa vida, a história da nossa família, a história da nossa*”...

Enzo: “*Da nossa cidade*”.

Professora Soraya: “*Da nossa cidade, e da nossa*”...

Giovana: “*Da nossa escola*”.

Professora Soraya: “*Da nossa escola! A nossa escola vai fazer 25 anos ano que vem. A gente está aqui desde que a escola começou*”?

Turma: “*Não*”!!!...

Professora Soraya: “*Mas a gente faz parte dessa história*”?

Turma: “*Sim*”!

Professora Soraya: “*Por quê*”?

Manuella: “*Porque a gente*”...

Enzo: “*Tá aqui agora*”.

Professora Soraya: “*A gente está aqui agora e nesse ano de 2019 que a gente caminhou junto, a gente escreveu mais um capítulo da história do Hélio Pellegrino, e nós vamos contar essa história pra outras pessoas que vão vir depois*”...

Turma: “*Da gente*”!

Professora Soraya: *“Depois da gente. Combinado? Bom... Miguel você conseguiu entender um pouquinho do que a gente fez?”*

Miguel faz que sim com a cabeça.

Professora Soraya: *“Eu queria que você contasse pra gente um pouquinho do que você entendeu”.*

Miguel apoia os dedos na boca e fica pensativo e depois responde:

Miguel: *“Eu aprendi muito”.*

Professora Soraya: *“Muito, o quê? Os seus colegas participaram do Projeto dos Dinossauros e eles conseguiram contar pra você o que eles aprenderam?”*

Miguel apoia a régua na boca e, pensativo, faz que sim com a cabeça.

Professora Soraya: *“E o que você aprendeu hoje aqui com os seus colegas?”*

Miguel: *“Brincar”...*

Professora Soraya: *“Você aprendeu a brincar, mas sobre os dinossauros o que você aprendeu?”*

Miguel fica tocando a boca com o lápis e não responde.

Professora Soraya: *“Você quer pensar um pouco e depois a gente conversa?”*

Miguel sinaliza que sim e encerrei a entrevista.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A turma envolvida no projeto passou por uma mudança no mês de junho, o Auxiliar de Apoio à Inclusão, Victor, que acompanhava meu aluno de inclusão desde fevereiro, foi remanejado, por questões especificamente administrativas, e Shirley passa a compor o nosso quadro de vivências diárias. Carlos<sup>9</sup> a recebeu com receptividade e os demais alunos se adaptaram muito rapidamente à sua presença na sala.

Ao contar sua história a partir de objetos que foram escolhidos por eles e seus familiares, as crianças demonstram reconhecer o valor que cada objeto para preservar a memória de sua história.

No dia da apresentação da “Caixa de Memórias”, a aluno Caio perde o bico que trouxe em sua caixa na porta da escola. Ele me relatou com angústia a perda do objeto, reconhecendo neste, um valor além do material, de algo que foi preservado para contar suas vivências quando ainda era um bebê. Na ocasião, solicitei à Shirley que fosse com ele nas imediações e o ajudasse na busca do objeto perdido. Caio se mostrou atento e envolvido, mas voltou decepcionado dizendo que não o encontrou. Nesse momento, um aluno da turma pediu para que ele descrevesse o bico e depois afirmou que uma aluna da sala 16 o havia encontrado.

Caio e Shirley seguiram para recuperar o bico e, quando retornaram com o mesmo, Caio mostrou-se aliviado e feliz e, no momento de sua apresentação, contou sobre o valor afetivo daquele item. Carvalho (2012) destaca a importância destes momentos, ao afirmar que

na escola, o professor deverá proporcionar à criança espaços e oportunidades para o contato mais estreito consigo e com outras crianças, da mesma idade e de idades diferentes; ambientes ricos em objetos e instrumentos culturais, principalmente a linguagem (oral e escrita); acesso a outros ambientes como bibliotecas, zoológicos, parques, casas de colegas, entre outros; estímulos diversos que propiciem à criança explorar, criar, manipular, ler, jogar, brincar, pensar, discutir, elaborar, construir. O professor deve, ainda, planejar estratégias de organização e intervenção que facilitem a aprendizagem pela criança. (CARVALHO et al, 2002, p.46)

Quando realizei a entrevista sobre as aprendizagens da turma em relação aos projetos, me surpreendi com as palavras inseridas na fala deles: fósseis, passado,

---

<sup>9</sup> Carlos é autista e, por este motivo, tinha direito a um acompanhante

memória, cérebro, vivências, meteoro, lendas, e percebi as construções que eles fizeram de modo individual e coletivo como uma forma significativa de mostrar o que aprenderam.

As falas foram se completando, algumas em coro. A turma construiu uma linguagem que demonstra a apropriação de muitos elementos trabalhados ao longo dos últimos meses de projeto.

Por outro lado, Miguel não conseguiu verbalizar o que compreendeu em relação às falas dos colegas, em parte por sua timidez, mas também por não ter vivenciado as etapas anteriores. Não houve a mesma interação e a construção feita por Miguel se restringe à sua participação a partir das caixinhas de memória. A conversa com a turma não teve para Miguel o mesmo significado que teve para o restante da turma. Carvalho (2002) afirma que

assim como é também, por essa razão, que se pode dizer que a experiência/existência humana não é solta no tempo e no espaço. É contextualizada, é enraizada, tem presente, passado, futuro: é histórica. Quando chegamos ao mundo, o encontramos repleto de sentidos e significados, de conceitos e valores. O que não significa que as coisas devam permanecer eternamente do mesmo jeito. Nós participamos da construção e reconstrução da história, nós participamos da construção e reconstrução do mundo. (CARVALHO et al, 2002, p. 74)

As vivências de cada um fazem total diferença nos significados que a aprendizagem terá para cada sujeito. Muitas são as particularidades culturais, emocionais, econômicas, além de outras, que fazem com que um mesmo grupo de alunos, inseridos no mesmo contexto, sujeitos às mesmas experiências dentro de uma turma ressignifiquem o conhecimento tornando-o exclusivo em muitos aspectos e comum em outros. De acordo com Carvalho (2002),

os educadores puderam observar muitos dos aspectos já estudados sobre a relação lúdica da criança com as formas sensíveis da linguagem artística. Perceberam, principalmente, que a sensibilidade, a curiosidade e o interesse em construir algo são o ponto de partida para a aprendizagem. A arte infantil é essencialmente lúdica (CARVALHO et al, 2002, p.90).

A exposição de brinquedos como ponto de partida para abrir o “Projeto dos Dinossauros” foi fundamental para despertar a curiosidade e a participação dos alunos, além de desencadear a conversa sobre qual seria a bagagem de

conhecimento que a turma tinha em relação ao tema. O conhecimento prévio apresentado sinalizou para o grupo de professoras algumas estratégias que ampliariam esse primeiro conhecimento. O apoio das professoras de Arte e História foram importantes para diversificar recursos e tarefas, proporcionando um aprendizado integrado entre diferentes áreas e entre o grupo de professoras da escola envolvidas com o trabalho do primeiro ano.

O “Projeto dos Dinossauros” teve início com a exposição de brinquedos. A familiaridade que os alunos têm com esses objetos, tão presentes na infância, foi um ponto de partida para despertar o interesse pelo tema que seria trabalhado: “A vida dos dinossauros”, sua existência e sua extinção.

Os dinossauros se registram num período histórico que antecede à própria existência humana e saber mais sobre eles aguçou a curiosidade e o interesse dos alunos, necessários para realizar as etapas do projeto.

A partir da experiência no Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, os alunos puderam se aproximar mais do tema, fazer perguntas, falar sobre os seus conhecimentos, ouvir muitas histórias e explicações, conhecer diferentes fontes históricas, tocar alguns objetos e participar de uma oficina ao final da visita. Essa experiência entrelaçou a bagagem que tinham, respondeu a curiosidades e dúvidas e possibilitou um enriquecimento dos conhecimentos de cada aluno de modo singular.

Depois das aprendizagens conquistadas com o “Projeto dos Dinossauros”, o “Projeto Memórias” abriu portas para refletir sobre relatos e lembranças que também contam a história. As memórias transmitidas através da oralidade ou preservadas pelos objetos, fotos e documentos (muitos deles de grande valor afetivo), registram sua importância na vida e na trajetória das pessoas. Nesse projeto, tanto a literatura quanto o vídeo deram suporte fundamental para que os alunos compreendessem o que são memórias.

Nas atividades práticas, a caixinha de memórias e as pesquisas realizadas com as famílias deram aos alunos a oportunidade de contar a sua história e a de sua família de diferentes ângulos, como personagens, como narradores, como pesquisadores, como sujeitos pertencentes a um contexto, a uma determinada cultura e a uma

determinada época. Desse modo, os alunos puderam se apropriar de suas aprendizagens de modo prático e significativo. Campos (2012) afirma que

cada povo desenvolveu a própria concepção do que cabe a cada indivíduo e a cada grupo de indivíduos por critérios como idade, gênero, etnia, classe social, ocupação, renda, entre outros. Muitas dessas ideias que orientaram a participação dos indivíduos e grupos sociais ao longo do tempo estão presentes na atual noção de cidadania (CAMPOS, 2012, p.17).

A participação dos alunos nos diferentes processos ao longo do ano tem marcas individuais, tem uma identidade que é própria de cada um, que constrói sentidos para cada sujeito e para o grupo.

Ainda que a turma toda tenha ido ao Museu de Ciências Naturais da PUC Minas, por exemplo, para cada sujeito essa visita teve um sentido, um significado que faz ponte com outros significados que ele já havia construído ao longo de sua trajetória. O que conseguiu aprender e viver antes da visita, seja na escola, na família, na comunidade, nas suas experiências (que são singulares) e, a partir dessa visita, novos significados se constroem e servem de base para vivências futuras, é uma nova bagagem que levarão consigo. Portanto, conforme cita Campos (2012),

cabe ao professor dos primeiros anos do Ensino Fundamental oferecer estratégias pedagógicas que auxiliem o educando a construir conhecimentos, valores, atitudes e competências necessários à sua formação cidadã. Tais estratégias devem valorizar os princípios éticos e da dignidade humana necessários ao convívio social, entre os quais destacamos a busca de soluções pacíficas e consensuais para conflitos, a isenção de preconceito e de discriminação de qualquer espécie, o reconhecimento da equidade como princípio da justiça, a adoção de atitudes de solidariedade e de cooperação. (CAMPOS, 2012, p.21)

Minha relação com a turma é uma relação de proximidade, que busca compreender a situação de cada aluno de modo particular, saber quem é esse sujeito, o que ele é capaz de me dizer, de fazer sozinho, como posso auxiliá-lo, como a família contribui como seu desempenho escolar, em que aspectos posso contar com esta família, onde preciso intervir, o que preciso saber e, a partir dessas informações, repensar as estratégias de tempos em tempos e avaliar o que deu certo e o que não deu.

As relações que se constroem são muito diferentes, mas, de forma geral, posso dizer que temos um bom relacionamento, ainda que algumas famílias não atendam ao chamado da escola, mas isso representa um número pequeno de pais que, por diferentes razões, deixam o acompanhamento escolar dos filhos em segundo plano.

Uma outra parcela de famílias, ainda que compareça, afirma ter dificuldades em auxiliar as tarefas, pelo desconhecimento, pela pouca escolaridade, pela falta de compreensão de enunciados, pela incompatibilidade de horários, pelos compromissos sociais assumidos com a igreja e outros.

Os alunos têm construído uma convivência respeitosa, as injustiças são prontamente denunciadas, o direito de falar é reivindicado, a fala do outro é considerada e as reflexões estão presentes o tempo todo, principalmente quando precisamos resolver conflitos. Alguns conflitos já são resolvidos sem intervenção do adulto, o que é uma conquista de autonomia do grupo.

A forma como recebem quem chega, seja um adulto ou outra criança é sempre curiosa e muito receptiva, não se registram preconceitos, intolerância ou resistência. Os alunos expressam seus sentimentos e pensamentos com clareza. Sabem explicar o que desejam, falam de seus contratempos, de suas famílias e das situações que interferem nos seus compromissos com a escola, são verdadeiros.

É perceptível o amadurecimento e o aprendizado, os avanços no desenvolvimento social e cognitivo, que se registram nas falas e atitudes do grupo, dos familiares e das professoras da turma. Nas palavras de Campos (2012),

de maneira geral, todas as disciplinas escolares estão voltadas para o ensino-aprendizagem dessas prioridades, que buscam levar o aluno a conhecer o mundo e a si mesmo e instrumentalizá-lo para agir de forma consciente e responsável. É importante apontar como característica desse processo a acentuada presença do lúdico e da fantasia, elementos do imaginário infantil fundamentais para despertar motivação, fornecer as bases sobre as quais os vários conteúdos disciplinares serão trabalhados e permitir tanto a aproximação quanto a diferenciação do campo de estudo das diversas disciplinas escolares. (CAMPOS, 2012, p.27-28)

Considerar a faixa etária para escolher a proposta de trabalho é extremamente importante, pois, muitas vezes, é através da ludicidade que alcançamos nosso aluno, que conseguimos afetá-lo, no sentido de criar percepções daquilo que queremos ensinar. Os próprios alunos exemplificam suas explicações lembrando momentos que foram significativos, como a oficina do Museu, as peças que puderam tocar, as atividades desenvolvidas nas aulas de arte, o filme, o vídeo, enfim, os recursos adequados a cada grupo ampliam as possibilidades de aprendizagem.

Ao final dos projetos e após realizar a roda de conversa e dialogar sobre os temas trabalhados com os alunos, foi possível verificar que eles compreenderam e se apropriaram de conceitos importantes da história. As noções de memória e sujeito fundamentaram os relatos da própria história e as aprendizagens junto aos grupos familiares ao longo dos projetos e pesquisas.

A exploração de diferentes fontes históricas despertou o interesse por pistas e informações na constituição de fatos passados e contribuiu para formação de novos pesquisadores que compreendem que uma mesma história pode ser relatada de diferentes pontos de vista. De acordo com Carvalho (2002),

através de um processo de interação com o mundo adulto, o grupo de crianças constrói diferentes linguagens, que dão acesso a diferentes significados. Essas linguagens constituem-se como instrumentos culturais de apreensão do mundo, de maneira a dar forma às diversas aprendizagens infantis. (CARVALHO et al, 2002, p.61)

Ao direcionar as rodas de conversa, foi possível notar também que o aprendizado não se dá da mesma forma com todos os integrantes do grupo, alguns são mais participativos e falantes, outros são mais tímidos em suas colocações, mas fato é que todos tinham algo a dizer sobre o que aprenderam. Algumas colocações surpreenderam pelo vocabulário, pelas apropriações de palavras e/ ou termos agora empregados pelos alunos, a fala de um aluno vai sendo completada pela fala de outro e muitas inquietações vão surgindo durante a conversa.



## REFERÊNCIAS

BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de História, Memória e História Local**. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia\\_artigos/barr os.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barr os.pdf). Acesso em: 06 abr. 2019.

BELO HORIZONTE. **PBH realiza curso de formação para auxiliar de apoio à inclusão**. Diário Oficial do Município. Belo Horizonte, MG, 28 jan. 2011. Disponível em: <http://portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1051647>. Acesso em: 25 out. 2019.

BELO HORIZONTE. **Caixas Escolares**. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/transparencia/convenios/caixas-escolares>. Acesso em: 03 nov. 2019.

CAMPOS, Helena Guimarães. **A história e a formação para a cidadania nos anos iniciais do Ensino Fundamental** – 1. Ed. – São Paulo: Livraria Saraiva, 2012.

CARVALHO, Alysso; SALLES, Fátima; GUIMARÃES, Marília (organizadores). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Proex – UFMG 2002.

DUDDLE, Jonny. **Gigantossauro**. Tradução Gilda de Aquino. - 1ª ed. – São Paulo: Brinque- Book, 2015.

FURTADO, Jorge; AZEVEDO, Ana Luiza. **Dona Cristina perdeu a memória**. 2002. (13m52s), Disponível em: <https://youtu.be/GB3adGkOQmw>. Acesso em: 08 jun. 2019.

GUERRA, Cástor Cartelle; RODRIGUES, Luiz Osvaldo Carneiro. **A história de Aur e Nia**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.

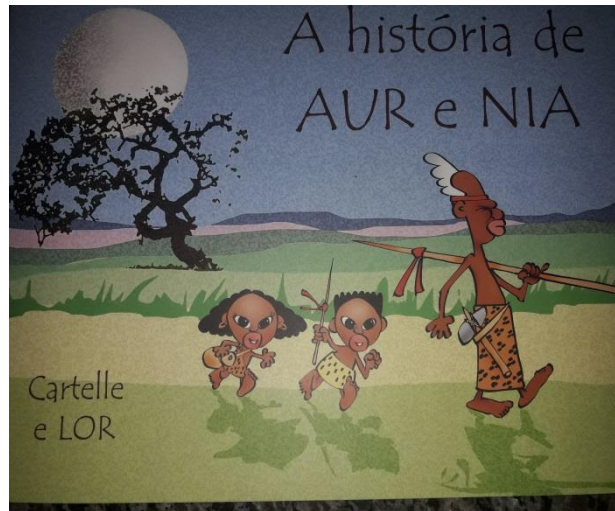
HAMZE, Amélia. **Sujeito histórico**. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/sujeito-historico.htm>. Acesso em: 06 abr. 2019.

MINORELLI, Caroline; CHIBA, Charles. **Manual do Professor do livro didático: Vamos Aprender História**. Anos iniciais do Ensino Fundamental, componente curricular: história - 1º ano (PNLD 2019, 2020, 2021, 2022). São Paulo: SM, 2017.

MIRANDA, Glaura Vasques de. Escola Plural. **Estudos Avançados**, 21(60), p. 61-74, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10237/11855>. Acesso em: 25 out. 2019.

## APÊNDICE: LITERATURAS TRABALHADAS

### PROJETO DINOSSAUROS:

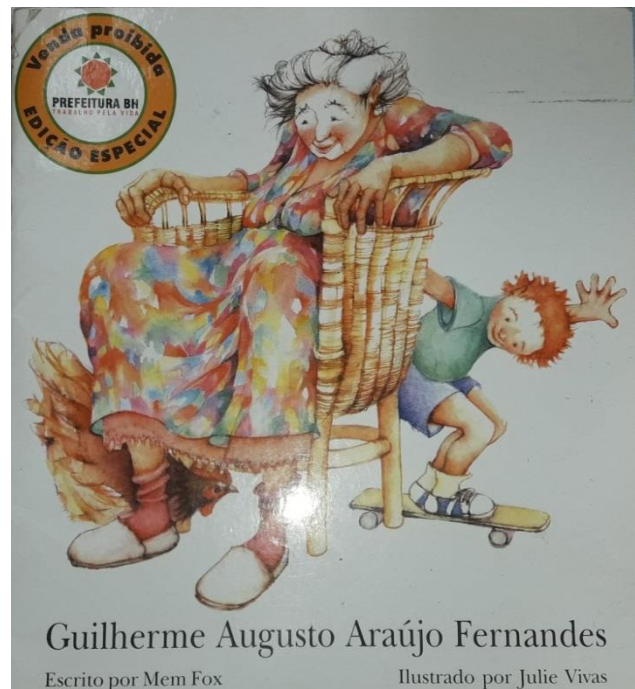


Fonte: Fotografia da autora (2019)



Fonte: Fotografia da autora (2019)

PROJETO MEMÓRIAS:



Fonte: Fotografia da autora (2019)